

O AMIGO DO POVO

N.º 336.

A correspondencia deve ser dirigida, franca de porte, para o escriptorio da redacção, Rua de S. João n.º 17 A.
As assignaturas são pagas adiantadas; bem como as correspondencias de interesse particular.

PUBLICA-SE

A'S QUINTAS E DOMINGOS.

PREÇOS: — Braga, trimestre 600
Provincias 720
Brazil—anno, moeda forte... 45400
Anuncios, cada linha, 20 reis; repetição 10. Os subs.
assignantes gozam 25 % de beneficio.
Communicados por linha 40 reis.
Numero avulso 40 reis.

4.º ANNO.

BRAGA

QUINTA-FEIRA 27 DE MAIO DE 1880.

Os governos serios, que se prezam, que com razão e verdade se dizem representantes de um partido digno e honrado, demittem-se quando a opinião publica lhe faz claras e terminantes indicações para isso, ou quando lhes falta a confiança da corôa e do poder legislativo.

Isto, escusado é dizel-o, dá-se nos paizes, em que se respeitam as praxes e normas constitucionaes.

Em Portugal, porém, desde que para castigo de nós todos subiu ao poder o partido progressista (?) representado pelos actuaes ministros, as cousas succedem de modo a desmentir essas praxes, a menosprezar essas normas.

Ha dias, ainda não muito distantes, apresentou o digno par do Reino Vaz Preto uma proposta de additamento a um projecto governamental em discussão, e depois de ter o relator do respectivo projecto declarado em seu nome e no da commissão de harmonia com o governo que não acceitava tal proposta, a camara approvou-a pela maioria de 3 votos.

Todos sabem que os ministros continuaram na gerencia das suas pastas, nenhum caso fazendo d'esta vergonhosa derrota. Chamamos-lhe—vergonhosa—por ser dada por uma camara, na qual ainda ha pouco tinham mettido uma fornada de 26 membros.

Como explicaram, porém, os jornaes do governo este inqualificavel procedimento? Todos se lembram ainda de que, inflamados pelas idéas mais avançadas, proclamaram que nenhum governo liberal, que tivesse do seu

lado o favor da opinião, e a grande maioria dos eleitos do povo, se devia demittir por ter levado um pequeno cheque na camara hereditaria.

Podia bem ter aqui cabimento o preguntar-se pelas provas de que a opinião favorece este governo, mas ficará isso para outra occasião.

Não são passados muitos dias, quando discutindo-se na mesma camara dos pares um projecto já approvedo na camara electiva relativo á antiguidade do posto de major garantido ao benemerito explorador Serpa Pinto, o governo concordou com que o mesmo projecto soffresse notaveis alterações. Vem, porém, a questão para a camara electiva, e esta, pouco caso fazendo dos compromissos do governo, regeita aquellas alterações, pon-do-se d'esse modo em manifesto conflicto não só com a camara alta como tambem com o proprio governo!!

Onde está, pois, a seriedade d'esse ministerio que para o flagello de todos está ahí dirigindo os negocios publicos? Onde a sua dignidade politica?

Pois hontem não se demittiam por causa de uma derrota na camara dos pares porque tinham a seu lado a grande maioria da camara electiva, e hoje é esta que lhes dá uma tão solenne prova de desconsideração, e permanecem nos mesmos logares, e continuam gerindo as respectivas pastas?

Que coherencia a d'estes tartufos, que hoje desmentem os principios que hontem invocavam, que amanhã repudiarão a doutrina que hoje perfilhavam?!

A verdade, que os factos de cada dia estão evidenciando, é que os actuaes ministros apenas pensam n'uma só cousa, teem um unico empenho, a um só fito miram—a conservação do poder—Para o conseguirem não ha

promessa que não façam e promessa a que não faltem, baixaza que não pratiquem, deslealdade que não commettam.

Ao presenciar scenas tão pouco edificantes, o nosso bom povo, n'aquella phrase rude mas franca, severa mas justiceira de que costuma usar, repete que —a quem não tem vergonha, todo o mundo pertence—.

Os jornaes do governo quando em qualquer discussão sentem o terreno escorregadio, e se veem obrigados a abandonar ao adversario o campo do combate, costumam lançar mão do genero declamatorio-insolente, e alto berreiro gritam contra os esbanjamentos regeneratorios — portarias surdas do ministerio da guerra, patifarias da penitenciaria, e la-droeiros do Algarve—.

Não é, porém, só nas paginas da imprensa periodica, d'esse modo transformadas em columnas de Pasquino, que os progressistas insultam falsa e caluniosamente os adversarios fortes e dignos, que pelo seu energico valor lhes causam receio, e pelo alevantado da sua intelligencia e honestidade do seu character lhes fazem sombra: no parlamento tambem, quando o combate da palavra se trava com mais ardor, e aos argumentos fortes, intemeratos, irrespondiveis da opposição nada teem que oppôr, ou quando querem desviar do assumpto que se discute as atencões da opinião, sobresalta-da por esse assumpto—tratada ou favoritismo—então como golpe decisivo e manobra que não falha, empregam-se os mesmos doestos, dirigem-se os mesmos insultos, fazem-se as mesmas perfidas insinuações, como se estivessem escrevendo nos seus periodicos de soalheiro. Mas tanto teem de insolentes como de covardes. Quando lhes apparece de cabeça erguida

alguem a exigir a responsabilidade do que disseram, prontamente se retractam, e nenhuma duvida teem em tecerem os mais alevantados elogios a esses homens, que momentos antes julgavam authores dos maiores attentados, reos dos mais graves crimes, merecedores dos mais severos castigos! Isto é juntar á mais revoltante das insolencias a mais aviltante das covardias.

Triste e bem fatal coincidência! —despedem a pedrada com o fito no descredito dos adversarios, e quasi sempre vão ferir ou os mais dignos dos seus, ou os melhores dos alliados.

Com as portarias surdas, ultima e mais recente arma de combate do partido progressista, succedeu a mesma cousa. Querendo deprimir o grande prestigio do honrado chefe do partido regenerador, Fontes Pereira de Mello, vieram com a questão das portarias surdas do ministerio da guerra, querendo fazer acreditar ao publico que fôra o nosso illustre chefe quem, sem precedentes, usara d'aquelle illegal e abusivo systema. Como, porém, era necessario que a cifra da despeza fosse grande, foram procural-a á penultima gerencia do partido regenerador, embora com isso melindrasssem o general que dirigiu os negocios da secretaria da guerra no ultimo ministerio do sr. duque d'Avila—o mais valioso dos alliados do governo!

Fontes Pereira de Mello quiz desmascarar os seus infames calumniadores e na camara alta, de que é ornamento, pediu o nome de todos quantos, como ministro da guerra, assignaram portarias surdas, e viu-se cercado de nomes illustres, que a morte roubára infelizmente ao serviço da patria e á admiração do paiz, e entre esses nomes alguns dos honrados chefes d'esse partido, que tendo sido nobre e digno, hoje está obs-

FOLHETIM.

A BURGUEZINHA

Ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Visconde de Valmór, Par do Reino e Ministro Plenipotenciario de S. M. F. em Vienna d'Austria.

(CONCLUSÃO)

Durante quinze dias, Laura fôra sempre muito sollicita em responder ás cartas tão amiguadas quanto apaixonadas de Carlos; mas depois deixou de lhe escrever. Ao principio elle attribuiu a falta das letras da sua amada a qualquer incommodo ligeiro que a acomettesse; porém, como essa falta continuasse, começou de se preoccupar vivamente, e uma grande exasperação não cessava de o mortificar. Mas nunca perdera a plena confiança do amor que Laura tantas vezes lhe jurara.

—Oh! Era uma verdadeira loucura presumir sequer que fosse trahido!, pensava. Com certeza ella estava doente! mas muito doente! Não podia ser outra a causa do seu silencio! E elle alli, em Mesão-frio, sem poder partir immediatamente para o Porto, a informar-se da importancia da enfermidade!...

E no auge da sua dôr, cobria o rosto com as mãos, sentindo uma immensa vontade de chorar.

No dia cinco de outubro seguinte, pelas onze horas da manhã, Carlos apeou-se d'um trem na praça de D. Pedro e dirigiu-se logo para a rua onde morava Laura, n'um passo rapido, apressado, como quem vê a

difficuldade de transpôr uma distancia dentro do espaço de tempo fatal. O dia estava claro e alegre. Um sol glorioso beijava a cidade, alvoraçada no seu largo movimento de trabalho. Carros cruzavam-se. Bandos de camponesas, d'uma carnção vigorosa, passavam, d'acafate á cabeça, que seguravam com uma mão, arcando a outra sobre a cintura cheia de saracoteados movimentos. Aqui e alli, negociantes conversavam, ácerca de cotação de titulos. Bandys, encostados ociosamente á porta da casa Moré, tinham ditos aparentemente amaveis para as costureiras galantes e tocavam-lhes com a badine. Ellas baixavam os olhos ao chão no proposito de affirmarem a sua virtude, que ninguém ousará contestar. Nos estabelecimentos de modas, senhoras elegantes escolhiam os tecidos modernos da estação proxima, por entre uma chuva de sorrisos e de assucaradas amabilidades dos caixeiros catitas, penteados á *petit-crivé*, que emittiam a sua opinião, sempre favoravel, a respeito da belleza das fazendas depois dos cuidados da modista. No arvoredo da praça passaros saltitavam contentes. De vez em quando a voz d'um garoto apregoava o *Primeiro de Janeiro*, prometendo setecentas mortes na Hollanda! jurando que hoje é que valia a pena! E junto da tabacaria Xabregas, em pé sobre uma mesa de pinho, um charlatão fazia com largos gestos e em alta voz o elogio d'um especifico destinado a combater a dôr de dentes, extraordinaria panacêa que era, segundo as suas palavras, producto do seu grande genio inventivo.

—Uma maravilha! Uma maravilha sem igual! E por um pataco! Quem não hade comprar?! clamava aos camponios, que o rodeavam, ouvindo-o embasbacados, com religiosa attenção.

—Mas está farto de saber que a menina Laura defronte... —Morreu? Não é verdade?, acendiu Carlos immediatamente, cortando a phrase á lojista e olhando-a vivamente, profundamente, todo assustado.

Mas Carlos ao dar com a casa de Laura hermeticamente fechada, teve uma convulsão violenta, e uma dôr aguda feriu-lhe o mais intimo e profundo da alma.

—Se ella tivesse morrido?—pensava. E logo no seu cerebro uma idéa rebentou como uma granada.—Mas ninguem mais competente do que a estaqueira para lhe ministrar informações, para o tirar d'aquelle estado afflicto, d'uma duvida mortal.

Entrou no estanco Pediu charutos. A dona da loja, a sr.^a Maria Rosaria, que estava da parte, de dentro do mostrador, sentada, com a face poisada na palma da mão esquerda, olhando vagamente o estabelecimentozinho com os seus estalados olhos azues, ergueu-se n'uma pressa, e com um ar prazenteiro e um bom sorriso alegre, que davam ao seu rosto comprido, d'uma alvura molle, um tom sympathico, disse logo:

—Seja muito bem apparecido, sr. Mendonça... Ditosos olhos que o vêem n'esta sua casa! E apeava da estante uma caixa. E depois: Prompto. Eil-os aqui fresquinhos; são *Flor de Creta*... Ou gastava agora d'outros?

—Que não, disse Carlos. —E d'onde vinha com aquelle trajo de viagem? Por onde se perdera, havia tanto tempo? Elle, assiduo e antigo frequentador da sua loja...

—Chegara de casa. Havia estado para lá um mez. E ia apartando para o lado os charutos que lhe agradavam, mostrando-se preoccupado com a escolha.

A estaqueira tornou.

—Mas está farto de saber que a menina Laura defronte... —Morreu? Não é verdade?, acendiu Carlos imediatamente, cortando a phrase á lojista e olhando-a vivamente, profundamente, todo assustado.

—Qual!, obtemporou a sr.^a Rosaria. Ora essa?! Que idéa?! Casou, sr. Mendonça, casou! E procurava dar larga extensão ao verbo.

—Palavra de honra?!, fez Carlos muito livido, assombrado.

E' o que lhe digo. Até admira que o ignorasse... [As folhas deram noticia.

—E com quem casou?, perguntou Carlos com voz estrangulada.

—Com o tio do Brazil, um tal Veiga, se bem me recordo. Chegou ahí, de repente, sem ninguem o esperar. Diz que quiz fazer uma surpresa. Depois aquillo foi dito e feito. E olhe que já não é nenhuma creança! Hade ter os seus cincoenta e oito annos seguros... isso ha-de. A barba é toda branca, o cabello não lhe pôde pesar muito, e, além d'isso, pesadote, pesado. Mas dizem que é muito boa pessoa, isso lá dizem. E, a respeito de—e punha movimentos no pollegar e no index que roçava apressadamente—segundo me contou a creada, é pôdre de rico! Ha coisa de oito dias, que está tudo para o Bom Jesus. E' como canta. A vida está para elles!

—Pois não sabia, não. Tenho estado lá para a aldeia... balbuciou elle, recalando o seu soffrer do inferno.

E, depois de lançar sobre a mesa cinco tostões em prata para pagar a despeza, sahio, mais morto que vivo, tirando do charuto grossos espiraes de fumo, que se elevavam e, adalgaçadas, se perdiam no ar luminoso.

E ia pensando: —Dallila! Dallila!

José da Luz Braga.

curecendo o seu passado brilhante, está enodoando as paginas da sua historia gloriosa.

Ao lado de Fontes Pereira de Melo vieram sentar-se homens da estatura moral do marquez de Sá da Bandeira, do duque de Saldanha, e de José Jorge Loureiro, Gromicho Conceiro, duque da Terceira, visconde da Luz, Belchior Garcez, Ferreira Passos, Pinto da França, José Maria de Magalhães e de Luiz Maldonado.

Todos ficaram sendo accusados pela Granja de infractores da lei, de gastadores illegaes dos dinheiros publicos, sendo assim privado das honras de inventor d'aquelle abusivo systema o nosso honrado chefe.

Sempre os mesmos — injustos até com os seus proprios chefes, — insultadores de todos os caracteres nobres, não respeitndo nem a pessoa augusta d'El-rei, nem as cinzas venerandas dos seus mais illustres caudilhos ! !

Relativamente ao procedimento do governo para com a cidade do Porto, que por aquelle tem sido altamente ludibriada, escreveu o nosso collega do «Diario Illustrado» o seguinte bem escripto artigo :

Já hontem o dissemos : «O Porto nunca abandonou o seu posto de honra».

Tem cumes das suas tradições gloriosas ; abençoado seja !

Também alli — como na illustre Diu — «cada pedra é um epitaphio mudo» dos seus grandes feitos.

Ha 19 annos, quasi cumpridos, que D. Pedro V, inaugurando a exposição industrial, dizia, á frente d'aquelle povo laborioso : — «Sois o primeiro em todas as lides, em todas as iniciativas uteis e fecundas».

Essas palavras, proferidas então, eram ao mesmo tempo epilogo e exordio, porque entrelaçam dois periodos notaveis da nossa historia : o da revolução, que arrasou ; o do trabalho, que reconstruiu.

O Porto estreta um e outro nos seus braços de gigante. Para progredir era preciso salvar a liberdade ; — salvou-a. Para que a liberdade fructificasse era preciso activar todas as applicações da industria e do trabalho ; — activou-as, caminhou na vanguarda de todos os committimentos. Quem o viu já de braços cruzados ?

Isto não é lisonja, é justiça.

Dizem que é exigente. Quem o diz ? Os insignificantes, os inuteis.

O Porto quer ter pelo seu lado a acção dos governos, no que ella possa ter de indispensavel. E que uso faz d'esse auxilio ? Todos o vêem, todos o sabem.

Avalie-se o seu movimento pela importancia das contribuições com que concorre para o thesouro. O Porto paga mais de 8:000 contos de imposto geral, isto é, quasi a terça parte de toda a receita do estado !

Diz-se agora que quer melhoramentos e se recusa a pagal-os, como se não fóra pagal-os, e pagal-os generosamente, o desenvolver com esta rapidez a materia collectavel.

Mas o Porto exige ? Exige o que tem direito a exigir os que prezam a sua dignidade e tem a consciencia da sua honradez.

O Porto exige o cumprimento d'uma promessa solemne. Disseram-lhe : — votae n'estes candidatos, que são a expressão genuina dos principios publicos da situação, e darvos-hemos em troca todos os melhoramentos de que careceis.

Não suspeitou sequer da traição, porque fóra sempre leal e honrado. Antepoando a considerações partidarias a abstenção de todos os elementos, que o possam auxiliar na sua cruzada civilisadora, respondeu votando por maioria nos nomes que lhe eram recommendados.

No acto solemne da abertura das côrtes, o governo pôz ainda na bocca de el-rei estas palavras, que agora se vê não passavam de um escarneio para quem as proferiu e para aquelles a quem se referiam. «Com o fim de proseguir no desenvolvimento dos melhoramentos materiaes do reino o governo vos propozá os meios de adiantar a viação acelerada, de concluir, em poucos annos, a rede das estradas reaes, e de assegurar as condições economicas e maritimas da cidade do Porto».

dibria-o, porque, ao ouvir-lhe umas palavras mais altas, manda sair contra elle a guarda municipal, como se se tratasse de perseguir um bando de criminosos.

O governo procedeu a respeito do Porto como procedeu a respeito dos eleitores ignaros das freguezias sertanejas. Prometteu-lhes tambem todas as magnificencias da terra se prostrados o adorassem. A esta pobre gente faltou, e ella contenta-se em amaldiçoal-o ; faltou assim ao Porto, mas o Porto é que não se contenta com tão pouco.

Não realizar as promessas exigíveis, feitas pelo gabinete nos apuros da eleição, era prova evidente da corrupção caracteristica do governo ; mas roubar ainda em cima alguns dos elementos da prosperidade que existiam n'aquelle districto, é provar mais do que isso, porque é mostrar que existe a infamia onde se suppunha existir apenas um indifferentismo deslavado, um desprezo cynico pelas cousas mais serias e graves.

Pois roubaram ; esta é a verdade. Concedido á companhia do caminho de ferro da Beira o ramal da Pampilhosa, o Porto vai ver divergir do centro da sua actividade todo o movimento que ali havia de convergir se o caminho do Douro estivesse construido.

A questão não é pois, local, é de interesse geral. Da construcção do porto artificial e da conclusão d'aquelle caminho depende em grande parte o movimento industrial e commercial do paiz, que recebe ali o seu maior impulso.

O *Diario Popular* sorriu hontem da nobre attitude que assumiu a cidade invicta ; pois bem, que vá o snr. Marianno de Carvalho tranquilisar aquelles animos, impôr silencio áquellas vozes ; reprisar aquellas manifestações. Foi elle quem prometeu em nome do governo, seja elle quem vá tambem retirar a promessa, e dizer ali, onde já é conhecido : — «isso não vale nada !»

Centenario de Camões.

Aos municipios

A circular que a imprensa da capital dirigiu a todos os municipios do reino foi a seguinte :

«Se o facto do centenario de Camões é considerado em todos os pontos de Portugal á sua verdadeira altura, como um jubileu nacional e como o começo para uma era nova, a nenhuma outra corporação compete com mais justiça e intelligencia o associar-se a esse bello pensamento da que á antiga e fecunda instituição do municipio. Quando contemplamos através de todas as revoluções humanas, desde a queda do imperio romano, do dominio germanico, da extincção do feudalismo e da fundação das monarchias absolutas, e vemos sempre de pé em todos os povos da Europa a instituição dos municipios, não podemos deixar de proclamal-o, como o nucleo onde residem intangíveis os germens da liberdade dos povos. Sejam quaes forem as formas porque tenham de passar ainda as sociedades modernas, os municipios ficarão de pé, como outros tantos esteios para a ordem nova. Diante d'esta consagração solemne da historia, e n'este momento em que a nação portugueza enfrenta duas datas capitales do seu passado, a morte de Camões e a morte da nacionalidade, quando todos unanimemente sentem que se entra na aurora de uma epocha nova de revivificação, os municipios portuguezes tem no lugar distincto, e por assim dizer unico n'essa festa. E' por isso que a commissão da imprensa de Lisboa se dirige a v. ex.^ã para que o municipio de... se faça representar um cortejo triumphal do dia 10 de junho, que ha de ir saudar o monumento de Camões. — Lisboa, sala da sociedade de geographia, 19 de maio de 1880. — A commissão executiva da imprensa, João Carlos Rodrigues da Costa, presidente — Theophilo Braga — Ramalho Ortigão — Luciano Cordeiro — Pinheiro Chagas — Jayme Batalha Reis — Rodrigo Affonso Pequeto. — S. Magalhães Lima, Eduardo Coelho, secretarios.»

A commissão expedia igualmente ás escolas superiores, aos lyceus, academias, etc. e a outras corporações litterarias, scientificas e artisticas a seguinte circular :

«Exm.^o sr. — A commissão executiva da imprensa de Lisboa para a celebração das festas do centenario de Camões, em 10 de junho de 1880, attentando em que este grande vulto symbolisa para a Europa inteira, que o admira, a nacionalidade portugueza, entende que essas festas seriam incompletas e sem o seu sentido profundo, se as corporações scientificas, litterarias e artisticas que constituem a universalidade do ensino portuguez se não representarem no grande cortejo triumphal que ha de ir saudar o monumento do poeta. Para os criticos modernos,

Camões condensou na sua obra a litteratura completa de um povo, dil-o Frederico Schlegel. Camões foi tambem um dos espiritos mais instruidos da renascença, e possuiu esse criterio scientifico que o tornava um grande observador da natureza, dil-o Alexandre Humboldt. Elle possuiu a intimidade com os sabios do seculo XVI, como se vê nos seus versos recommeando o venerando Garcia d'Horta, e nas relações com o nosso chronista etnologo Diogo do Couto. A consagração d'esta caracteristica superior do genio de Camões só pôde ser proclamada pelo corpo docente das escolas superiores portuguezas. E' por isso que a commissão executiva da imprensa de Lisboa, lembrando que o seu programma tem a acquiescencia do poder executivo na parte em que a sua cooperação e consentimento que era indispensavel, se dirige a v. ex.^ã para que a corporação a que v. ex.^ã preside tome parte nas festas do centenario de Camões, representando-se no grande cortejo triumphal do dia 10 de junho. Somos com a maxima consideração — De v. ex.^ã concidadãos, amigos e veneradores. — Lisboa, sala da sociedade de geographia, 24 de maio de 1880. — A commissão executiva da imprensa, João Carlos Rodrigues da Costa, presidente — Theophilo Braga — Ramalho Ortigão — Luciano Cordeiro — Pinheiro Chagas — Jayme Batalha Reis — Rodrigo Affonso Pequeto. — S. Magalhães Lima, Eduardo Coelho, secretarios.»

A imprensa das provincias a de Lisboa

Collegas e amigos : — A celebração do terceiro centenario de Luiz de Camões, tem o duplo caracter de uma homenagem nacional de justiça e de uma afirmação symbolica da potente individualidade do povo portuguez.

Saída a patria a memoria immorredoura do homem singular que na sua inspiração genial lhe ergueu o nome e as glorias acima da corrente dos seculos, perpetuando-a nos respetos das gerações.

Saída o povo aquelle espirito gentil e valoroso que arrancou ás evoluções dos tempos e aos cataclysmos da historia, na sua expressão mais complexa e deslumbrante, a grande alma nacional legando-a na sua colossal epopeia aos assombros das idades e á honra da familia portugueza.

E' gratidão e é justiça.

Afirma a nação — esta poderosa individualidade secular feita das leis fataes da raça, da lingua e da civilisação — a sua viva e activa existencia autonómica no seio da civilisação e das sociedades modernas ; — responde ao pregão heroico do genio com voz formidavel do seu direito á vida, da sua aspiração ao progresso, da sua solidariedade da historia.

Faz de Camões o symbolo e consagração solemne, festivamente, n'uma expansão gloriosa, liberrima, espontanea da consciencia da sua força, do seu direito e do seu trabalho.

Por isso vemos o «amor da patria não movido de premio vil, mas alto e quasi eterno», agrupar rapidamente n'este pensamento, todas as energias, todas as aptidões, todas as actividades collectivas e individuais, publicas e particulares, officias e privadas, da familia portugueza aqui e além mar, n'um convívio fraterno.

Não podia a imprensa jornalista — este condensador moderno da opinião e do espirito publico, esta tribuna aberta a todos os grandes movimentos, a todas as manifestações da consciencia nacional, esta representante lidima dos interesses e das aspirações do povo — faltar com a sua acção suggestiva e directa, com a sua adhesão e com a sua homenagem, á festa da nação. Não faltou :

De todos os pontos nos chegam auspiciosas indicações de que a imprensa, que falla a lingua de Camões, se associa condigna e nobremente ao pensamento da celebração do tricentenario da morte do nosso querido poeta, a qual foi ao mesmo tempo o advento da sua immortalidade na historia.

Complemento natural d'esse pensamento, o caracter de uma tregua sagrada de todas as dissidencias de doutrinismo militante e de politica intestineira, impõe-se felizmente a esta celebração e é aceita sinceramente por todos os espiritos.

A festa da nação não é festa de um partido ; de uma escola, de uma communhão parcial. Uma só idéa, uma só imagem tem lugar nos altares onde vae celebrar-se a homenagem triumphal do povo portuguez : — é a idéa, é a imagem querida d'esta mãe de todos que se chama a patria.

N'este intuito organisa a imprensa de Lisboa um grande cortejo nacional, que no dia 10 de junho desfilará em saudação perante o monumento erigido n'uma das praças da cidade a Luiz de Camões em nome da nação portugueza.

E n'este cortejo, composto de representantes de todas as instituições e de todas as classes sociaes, como nas diversas solemidades que a imprensa da capital prepara e projecta, entre as quaes avulta a inauguração de uma *Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes*, ser-lhe-ia particularmente agradavel que a imprensa do resto do paiz se dignasse fazer-se representar por delegados especiaes das diversas redacções e emprezas. E' isto o que em fime da imprensa de Lisboa tem a honra de comunicar-vos a sua commissão executiva.

Lisboa, 17 de maio de 1880. — J. C. Rodrigues da Costa, presidente, Luciano Cordeiro, Theophilo Braga, Ramalho Ortigão, M. Pinheiro Chagas, Jayme Batalha Reis, R. Affonso Pequeto, adjunto ; S. Magalhães Lima e Eduardo Coelho, secretarios.

NOTICIARIO.

Propostas.

N'uma das sessões da junta geral, que, como já noticiamos, se encerrou no dia 21, propoz o nosso amigo e collega, Adolpho Pimentel, que se representasse ao governo pedindo a mais prompta approvação para o projecto definitivo do lanço de Cabanelhas a Azevedo, na estrada n.^o 5, de Barcellos a Mont'alegre.

Esta proposta era justissima, e tanto assim a junta geral a considerou, que resolveu por unanimidade approval-a.

A estrada, que já está acabada e em exploração nos lanços anteriores e posteriores a esse, soffre ali uma interrupção altamente prejudicial para o publico, e principalmente para os povos dos concelhos de Barcellos, Villa Verde, e ainda de Braga. Acresce mais que no monte do Cruço, por onde aquelle lanço deve seguir, ha uma importante industria de barreiras, que egualmente é prejudicada com tão injustificavel interrupção.

Ha annos que se levantam de toda a parte difficuldades para a approvação do projecto definitivo, e bom seria que essas difficuldades desaparecessem para sempre

— Tambem foi approvada uma proposta assignada pelos nossos correligionarios Sigismundo Teixeira Rebello d'Andrade e Adolpho Pimentel para que a junta geral resolvesse dar o maior desenvolvimento possivel ás estradas n.^o 6 de Amares a Refojos de Basto, n.^o 5 de Barcellos a Mont'alegre, e n.^o 5 A das Neves á Portella do Homem.

A estrada n.^o 6 é da maxima conveniencia para esta cidade, pois fica sendo a de mais curta distancia entre os Bastos, importantissima região agricola d'este districto, e o caminho de ferro, tendo d'esse modo os habitantes d'aquelles concelhos, que queiram aproveitar-se dos beneficios da viação accelerada, notavel vantagem em virem a esta cidade.

A estrada n.^o 5, de Barcellos a Mont'alegre, atravessando a rica região de Barroso, é tambem de alta importancia não só para o nosso districto, como tambem para o de Villa Real.

A estrada n.^o 5 A, além de ser a mais recta e curta communação com a Hespanha, vae atravessar um concelho — o de Terras de Bouro —, que apenas conhece theoreticamente as vantagens da viação ordinaria.

A preferencia, pois, proposta por aquelles dous nossos correligionarios, tinha toda a razão, e assim se julgou a junta geral, approvando-as por unanimidade.

Os procuradores Ferreira Braga e Adolpho Pimentel tambem apresentaram a seguinte proposta : « Dizendo se no art. 20 do projecto da reforma da instrução secundaria, approvado nas duas casas do parlamento, que nos lyceus nacionaes poderá o governo estabelecer o curso complementar de letras ou de sciencias, quando as juntas geraes do districto se obrigarem a concorrer com todo o augmento da despeza, correspondente ao pessoal e material do curso pedido, revertendo em tal caso para o cofre da junta a importancia das propinas de matricula ; e considerando que em relação ao nosso districto ha apenas a complementar o curso de sciencias, porque o de letras já se acha criado pela mesma reforma, e que esse complemento se reduz a duas cadeiras de sciencias naturaes ; e considerando, outro sim, que é de manifesta vantagem para o nosso districto que no lyceu d'elle se professem todos os cursos que completam a instrução secundaria, em ordem a evitar as grandes despezas e incommodos que resultam para as familias de irem os alumnos para outra parte completar essa instrução ; e considerando mais que a importancia das matriculas e propinas, se não igualar, pouca faltará para a satisfação completa das despezas provenientes do curso de sciencias, o que facilmente se deprehende d'uma rapida vista sobre a estatística